

IDENTIDADE E LUGAR: REAÇÕES IDENTITÁRIAS FRENTE À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO NO OESTE PAULISTA.

CARLOS EDUARDO MACHADO¹

RESUMO: Com a expansão do agronegócio nas últimas décadas na região Oeste do estado de São Paulo, diversas cidades tiveram significativas mudanças devido ao dinamismo gerado pela instalação de usinas para o processamento da cana-de-açúcar. Não apenas o universo econômico e material se altera nesses lugares, mas todo um cotidiano experimentado e partilhado na vida coletiva, sobretudo das pequenas cidades, se transforma. Neste artigo, o objetivo é compreender como os atores sociais que estão envolvidos direta ou indiretamente com o avanço do agronegócio, entendido aqui como um fenômeno social abrangente (Heredia et. al., 2010), sentem essas mudanças. Partimos de um determinado campo empírico, a cidade de Borá, localizada no Oeste paulista, onde após a reativação de uma usina processadora de açúcar e álcool diversas transformações ocorreram, dentre elas, o surgimento de um fluxo migratório para o trabalho na usina e o reavivamento econômico local, que em decorrência fez emergir disputas simbólicas e relações de poder a partir da identidade reivindicada pelos habitantes locais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Lugar. Famílias.

1. Introdução

Neste artigo, propomos analisar um conjunto de fatores que incidem sobre as noções que os atores sociais possuem sobre o *lugar* onde vivem e suas construções identitárias a partir deste referencial. Partimos de um determinado campo empírico e da discussão proposta pela literatura antropológica e sociológica para refletirmos sobre as formas de apropriação simbólica dos espaços. O campo empírico onde realizamos nossa pesquisa é a cidade de Borá, localizada na região Oeste do estado de São Paulo. Por meio do método etnográfico, de entrevistas e de outras fontes tais como jornais locais e dados oficiais, apresentaremos o contexto analisado visando construir para o leitor uma imagem do campo de pesquisa de maneira que possamos restituir aos nossos interlocutores aquilo que expressaram e comunicaram.

Marc Augé (2010: 51) coloca que o “lugar antropológico” é aquela construção

1 Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP Marília. E-mail: cadumachado@ymail.com.

concreta e simbólica do espaço que designa um lugar. Os lugares só existem como tal devido a vicissitudes e dinâmicas da vida social que ocorrem e se fazem dentro de um quadro de referências dos indivíduos, onde se constroem os sentidos identitários sobre *quem se é, onde se está, como se chegou a estar e porque se está* em dada situação e espaço. Em suma, o lugar que se ocupa ou que se entende como legítimo ocupante suscita internamente questionamentos e enseja respostas na busca pelos sentidos mais profundos de nossa existência. Ainda que não sejam verbalizadas claramente, o pertencimento a um lugar, enquanto sentido identitário, se manifesta nas expressões corriqueiras sobre quando relacionam um tempo passado comum a todos como sendo diferente de um tempo presente compartilhado na vida coletiva.

Nessa perspectiva, o lugar não é apenas de externalidade (o mundo material, espacial, geográfico, local), mas o “lugar antropológico” de que fala Augé, auxilia-nos a compreender que o lugar – enquanto sentido operante no referencial identitário – está dentro do próprio indivíduo. Esses lugares, como observa Augé (2010: 52), se constituem através de forma identitária, relacional e histórica. Assim, um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições são instituídos socialmente e experimentadas pelos atores sociais, produzindo um sentimento de pertencimento e uma apropriação do lugar onde vivem.

Autores como Pierre Bourdieu (1989) e Michel de Certeau (2010) pensaram os espaços e o lugar sobre outros prismas. Para Bourdieu (1989: 113), existe uma identidade regional intimamente caracterizada pela “ligação à *origem* através do *lugar* de origem”, os quais produzem os sinais de pertencimento a um lugar tendem a demarcar e dividir grupos. Michel de Certeau (2010: 182), por sua vez, fala que “o *espaço é um lugar praticado*”, onde as dinâmicas e os cruzamentos entre as pessoas dão movimento – e ação – ao espaço.

Com suas respectivas diferenças e particularidades, cada uma dessas leituras do mundo social abre caminhos para compreendermos as construções identitárias relacionadas ao lugar. De maneira geral, pensamos no lugar como um ponto fixo no espaço, contudo, ao tratarmos de experiências reais comunicadas por pessoas reais, é necessário considerar os variados movimentos e formas de negociações que os próprios atores sociais realizam, fazendo coexistir num mesmo lugar elementos distintos e singulares (Augé, 2010: 53), isto é, entendermos os lugares em seu aspecto relacional que é produzido *nos* espaços e na interação *com* os espaços.

Nesse sentido, apresentaremos inicialmente o contexto histórico de Borá, buscando trazer uma descrição capaz de elucidar a construção de uma identidade local por meio do resgate da memória dos “pioneiros” colonizadores frente às mudanças ocorridas na cidade nos últimos anos. Em seguida, na segunda sessão, analisaremos o momento atual da cidade por meio de jornais regionais e outras fontes de informação que auxiliem visualizar o cenário mais amplo no qual as mudanças na cidade – e, conseqüentemente, na forma de apropriação das

identidades pelos atores sociais – estão inseridas. Na terceira sessão, procuraremos descrever o cotidiano da população local e trazer depoimentos e narrativas sobre as percepções em relação ao lugar em que vivem. Por fim, apontaremos algumas considerações sobre o campo empírico examinado articulando nossas reflexões a partir da literatura antropológica e sociológica.

2. “Os pioneiros”, a memória e o lugar.

Um dos materiais que privilegiaremos nesta sessão é a monografia de Valdirene Marconato (1997) intitulada *Borá: fragmentos do recanto*. A autora é membro de uma das famílias mais tradicionais da cidade, descendentes diretos dos pioneiros colonizadores. Nesta monografia, na forma de um livro reportagem,² Marconato traz depoimentos dos moradores mais antigos e dados sobre a história da cidade que nos auxilia a compreender a construção das narrativas sobre uma identidade local.

Borá é vizinha das cidades de Lutécia, Paraguaçu Paulista, Quatá e Quintana, cidades que compõem um pequeno núcleo no centro-oeste paulista. Com uma unidade territorial de 118, 450 km², localizada a 486 km da capital de São Paulo, sua economia é baseada na produção rural, contando com setores da agricultura e pecuária. A produção agrícola fornece subsídios para o desenvolvimento econômico da cidade, com a produção de algodão, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol e mamona, dentre outros. Os entornos de Borá são cercados por sítios e fazendas onde se desenvolve o plantio destes gêneros. A pecuária desempenha importante papel, com a criação de bovinos, equinos, bubalinos, muares, suínos, caprinos, ovinos, galos e frangos. Com esta produção, os pecuaristas também se valem de ovos, lã, mel e leite de vaca para complementarem suas demandas.

As primeiras incursões a campo foram pegando caronas na estrada, as margens da rodovia Richard Rayes que seguem em direção as cidades de Echaporã, Assis e Paraguaçu Paulista, onde iniciei meu percurso etnográfico. Com o passar do tempo, ao adquirir o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP), pude dar continuidade ao trabalho de campo viajando de ônibus e/ou moto táxi. No entanto, pude perceber que foram nas caronas com caminhoneiros de passagem pela estrada, ou em ônibus rurais lotados com turmas de trabalhadores da usina de cana-de-açúcar da região e com moradores de Paraguaçu e de Borá que me foi permitido ter um primeiro acesso à realidade dos habitantes da cidade.

2 A monografia foi elaborada e defendida para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, concedido à autora pela Universidade de Marília (Unimar) no ano de 1997.

Ao adentrar em Borá, o visitante oriundo de cidades maiores nota as casas de alvenaria dividindo o espaço de seus muros com as casas de madeira. Em sua maioria são casas com muros baixos, os portões não possuem cadeados, as roupas são estendidas nos varais, há uma aparente tranquilidade pelas ruas, as portas estão costumeiramente abertas e por elas é possível ver no interior das casas a mobília e pessoas conversando.

As ruas principais que cortam Borá dirigem-se para a praça da cidade. Nesta praça está a Igreja de Santo Antônio, a partir de onde a cidade passou a se desenvolver. A praça e a Igreja caracterizam um local de extrema importância para a vida social dos boraenses. Durante todo o trabalho, notamos pessoas sentadas conversando ou cruzando a praça para irem a algum lugar. A praça e o barracão da Igreja são os locais onde a Festa de Santo Antônio é realizada anualmente e congrega a população.

Como na maioria das cidades interioranas do estado, Borá também foi constituída por agrupamentos familiares que se organizaram de maneira comunal e edificaram os bairros rurais, as vilas e as pequenas cidades. De acordo com Valdirene Marconato (1997, p. 1-2), em 1918 a família Vedovatti chegou ao Bairro do Cristal, passando pelos rios que cortam a atual Borá para ir até a cidade de Sapezal, onde se dava a parada do trem da Alta Sorocabana, para comercializar produtos alimentícios.

Três anos mais tarde, em 1921, com a chegada de famílias portuguesas, fizeram de residência os acampamentos dos engenhos – acampamentos estes que haviam sido utilizados pelas expedições organizadas pelo Governo do Estado no início do século para desbravar as terras do então “sertão desconhecido”.

Em seguida, outras famílias, desta vez de imigrantes italianos, chegaram e se assentaram no acampamento. Juntamente com outras famílias, abriram as primeiras estradas que ligam Borá ao distrito de Sapezal e a cidade de Paraguaçu Paulista. Em fins de 1923-24 foi instituída a Vila Borá. Sua população foi sendo formada a partir de casamentos entre membros das próprias famílias. Nos primeiros anos da vila, casavam-se entre as poucas famílias que ali residiam, por isso ainda hoje os laços de parentesco conformam laços que se estendem por gerações e pela abrangência que toma na cidade.

Em geral, os boraenses estão ligados por relações próximas e vicinais, conformando um sentimento de localidade e pertencimento que está relacionado a história do município e sua formação. As junções destas famílias deram origem a um tipo de sociabilidade que pode ser compreendido na síntese de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p. 3), de que devido às grandes transformações pelas quais passou o Estado de São Paulo desde o final do século XIX, com a entrada de grande massa de imigrantes europeus e pela coexistência de diferentes grupos no espaço rural, promoveu-se um tipo de sociabilidade comunal cuja base da estrutura

comunitária era formada pela família. Essa estrutura da qual fala Durham também pode ser interpretada sob outras perspectivas a partir de outros contextos, num elo comparativo com as formas e os sentimentos de sociabilidade construídos em Borá ao longo do tempo. No sertão de Pernambuco, por exemplo, Ana Claudia Marques (2013) observou que entre as famílias locais a referência espacial proporcionava uma moldura no interior da qual os pertencimentos específicos não se dividiam claramente e cediam ao reconhecimento de uma comunidade. “A vizinhança”, como escreve a autora, “produz uma totalidade” (idem, p. 93).

Outra leitura possível sobre a percepção que os boraenses possuem são os sentimentos de *familiarização*, similar ao que John Comeford (2003) identificou na Zona da Mata mineira. A *familiarização* entre pessoas e coisas de que fala Comeford (2003, p. 179), é demonstrada no conhecimento que têm sobre as pessoas que transitam na cidade, sabem das atividades cotidianas de cada um, em suma, demonstram o envolvimento interpessoal que ocorre também entre os boraenses.

Ao longo do tempo, a partir da década de 1950, a cidade teve sua população reduzida. Conforme os dados, em 1950 eram 3.515 habitantes. Na década posterior, em 1960, os números apontaram para 2.812 habitantes. Em 1970, a população local somava 1.270 habitantes. Entre 1980 e 1991, o registro foi de 858 e 751 habitantes, respectivamente. Em 2010, a cidade foi considerada a menos do país em população.³

Essa queda populacional incidiu ainda mais no afunilamento das relações de parentesco já existentes entre os boraenses. A reprodução das narrativas sobre a fundação da cidade e sobre todo o percurso histórico até os dias atuais se reforçam através da ligação que possuem. O sentimento por trás dessas narrativas, porém, evidenciam formas discursivas espaciais (Augé, 2010: 45), esse mecanismo é, ao mesmo tempo, “o que exprime a identidade do grupo”, como coloca Augé.

3 A redução populacional que houve em Borá, pode ser compreendida dentro de um conjunto de fatos históricos e de fenômenos sociais que dizem respeito à inversão dos percentuais das populações rurais e urbana que ocorreram entre 1940 e 1980, como observou Moacir Palmeira (1989). Mais particularmente, se examinarmos as mudanças sociais ocorridas na vida das populações rurais interioranas do estado de São Paulo, como demonstraram os estudos de Eunice Durham (1973), notaremos que os fluxos migratórios foram um dos poucos recursos para aqueles que residiam nas regiões agrícolas e delas dependiam. Numa outra leitura possível, Rosana Baieninger (1992) identificou que o reajuste industrial pela qual passava a metrópole paulistana na década de cinquenta, tornou-se um elemento de atração para essa população que necessariamente migravam das zonas rurais. Todos esses processos pelos quais passou o país e o interior do estado de São Paulo – que apontaram os autores supracitados –, estão relacionados ao mesmo período em que se intensifica a evasão populacional em Borá (os dados também indicam para a região toda de Assis, cf. Banninger, 1992, p. 97). Os moradores mais antigos disseram que os filhos mudavam de cidades porque não havia trabalho. Outros comentaram que apenas se mudaram da cidade por causa da falta de trabalho, “se a usina tivesse sido reativada há mais tempo não teriam se mudado”, relatavam constantemente. Depois da reativação da usina e da chegada dos novos moradores, o aumento populacional começou a ser registrado (Diário da União, 2013). Atualmente Borá não é mais o menor município brasileiro, segundo os dados, é a cidade Serra da Saudade, no interior mineiro.

Ainda Marc Augé (2010) irá observar que “as origens do grupo são, muitas vezes, diversas, mas é a identidade do lugar que o funda, congrega e une” (idem: 45). O grupo que compartilha dessa identidade busca defender-se contra ameaças externas e internas para que a linguagem da identidade conserve um sentido (Augé, 2010: 45). Dessa forma, a experiência com o lugar e com a memória dos “pioneiros” colonizadores torna-se mecanismos de ação dos atores sociais frente às mudanças ocorridas na cidade nos últimos anos.

Como apresentaremos a seguir, o avanço do agronegócio proporcionou a reativação de uma usina de cana-de-açúcar aos arredores de Borá. Muitos trabalhadores migrantes foram atraídos pela oferta de trabalho. Com o passar do tempo, passaram a trazer suas famílias e fixaram residência na cidade. Juntamente com a presença desses novos moradores, toda uma nova infraestrutura urbana passou a ser produzida e novas dinâmicas comerciais passaram a surgir. O quantitativo populacional também aumentou, assim como o trânsito de pessoas pelas ruas da cidade. Em suma, um conjunto de mudanças acionou uma reafirmação identitária por parte dos boraenses. Essa identidade, em certa medida, está baseada no lugar e na memória dos “pioneiros” colonizadores, e torna-se perceptível nas narrativas e nos discursos da população local sempre que mencionam a reativação da usina e simbolizam através dela as mudanças na cidade.

3. O cenário mais amplo: a expansão do agronegócio.

Em entrevista, o prefeito da cidade anunciou suas preocupações sobre os impactos que poderiam ser gerados pela reativação da usina:

“O crescimento é positivo, o progresso, mas temos que nos preocupar em manter os serviços nas áreas da saúde, educação. Será que nós vamos conseguir continuar oferecendo o que sempre oferecemos? Temos que aguardar para esperar o impacto que isso irá trazer” (Prefeito Luiz Carlos, entrevista concedida ao G1, online, Bauru. 01/09/2013).⁴

Reativada em 2004, a usina emprega cerca de 2.000 funcionários cuja maior parte mora na região. Entre os meses de maio e novembro esse quantitativo aumenta com a grande massa de migrantes contratados nos períodos de safra (sazonais), em sua maioria oriundos do estado de Alagoas e de outras regiões do Nordeste.

Com a construção de um conjunto habitacional, os migrantes passaram a fixar residência e trazerem suas famílias para a cidade. Inaugurado em 2013, diversas famílias estão adquirindo suas casas e se estabelecendo definitivamente em Borá. Numa parceria entre

4 Reportagem G1 - Centro-Oeste. Publicado em: 01/09/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2013/09/empregos-e-sossego-fazem-bora-perdero-titulo-de-menor-do-pais.html>>. Acessado em: 04 de fev. 2014.

a Prefeitura Municipal de Borá, o Governo do Estado e a usina, foram construídas com casas populares que deram origem ao bairro Parque das Flores.⁵

Esse cenário, no entanto, não é um caso isolado. Trata-se de um fenômeno mais amplo e de dimensões significativas na atual sociedade brasileira. Recentes estudos coordenados por Beatriz Heredia, Moacir Palmeira, Leonilde Medeiros e Sérgio Lopes (2010) demonstraram que em diferentes regiões do país um conjunto de mudanças sociais vem sendo desencadeadas pelos projetos políticos e econômicos que envolvem o agronegócio e, não menos, por meio do conjunto de políticas públicas por parte do Estado que favorece o seu desenvolvimento.

A construção do conjunto habitacional para a permanência dos migrantes em Borá, por exemplo, está relacionada a um conjunto de políticas de infraestrutura dos últimos dez anos. Segundo os pesquisadores (Heredia et. al., 2010, p. 166), a construção de habitações populares, a pavimentação de rodovias, a construção de ramais ferroviários, o investimento nas navegações fluviais, e em geral todo um conjunto de medidas urbanísticas inclusas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) convergem para melhorar e facilitar o escoamento (de exportação) dos produtos gerados pelo setor e também garantir e baratear os gastos da usina na aquisição de mão de obra.

Esse processo, no entanto, está associado ao processo histórico do desenvolvimento dos setores agroindustriais no interior paulista. Os anos de 1970 marcam o reflorescimento do interior paulista a partir da concentração industrial que houve nesta época (cf. Cano, 1988; Singer, 1993; Negri & Pacheco, 1993). Após a ascensão e o declínio do desenvolvimento cafeeiro no início do século passado, o interior voltou a registrar uma taxa de crescimento bem próximo ao da Capital. Em decorrência, houve expressivos movimentos migratórios para as cidades de pequeno e médio porte, reconfigurando a estrutura urbana e econômica das cidades. Após esse período, mais especificamente a partir dos anos de 1990, o agronegócio e o setor sucroalcooleiro tornaram-se dois dos principais fatores que impulsionaram os novos movimentos migratórios para o interior paulista (cf. Baeninger, 1992; Bizelli, 1995; Perillo, 1996).

Maria Aparecida de Moraes Silva (2008, p. 4-6) ressalta que a partir da década de 1990 iniciou-se uma mudança na *cartografia migratória*. O que antes era apenas uma migração nordestina rumo ao interior paulista e para capital do estado modificou-se alternando entre

5 No total foram 231 famílias inscritas para a aquisição das moradias. No entanto, os cadastros são preferenciais para os migrantes que partem de seus estados de origem para trabalharem na usina; em segundo lugar, estão aqueles que trabalham em Borá há mais de dois anos e não moram na cidade (em geral são habitantes da cidade vizinha, Paraguaçu Paulista).

alagoanos, maranhenses e piauienses (incluindo também um grande número de pessoas vindas do norte do Paraná), em quantidades cada vez mais significativas.

Com os interesses políticos e econômicos voltados para a produção da cana-de-açúcar no Oeste paulista, os investimentos sobre a produção dos combustíveis *flexfuel*, assim como da decorrência dos preços do açúcar no mercado externo, proporcionou, nas duas últimas décadas, um crescimento e um dinamismo no setor. Que, por sua vez, acarretou na construção ou reativação de usinas processadoras de cana-de-açúcar, iniciando um período de migrações diversas para o trabalho nos canaviais do interior paulista (cf. Maciel, 2011; Melo; Silva, 2007; Novaes & Alves, 2007).

Estudos elaborados pelo CNI (Conselho Nacional da Indústria), pelo Instituto Euvaldo Lodi – IEL/Núcleo Central e pelo SEBRAE, no ano de 2005, demonstraram que a cana-de-açúcar atravessa, desde 2002, uma fase de dinamismo em seu processo de crescimento. Por um lado, especialistas apontam que esse avanço se deve à introdução dos veículos *flexfuel* no mercado e ao preço do açúcar e suas transações internacionais, no entanto, na observação de Francisco Alves (2008),

[...] o dinamismo atual não advém apenas do fato de os preços internacionais do açúcar estarem elevados, ou do sucesso dos carros *flexfuel* e das fantásticas perspectivas do álcool no mercado internacional, mas, fundamentalmente, das relações de trabalho prevaletentes no setor canavieiro, nas quais o prioritário é o aumento da intensidade de trabalho com o menor dispêndio monetário (ALVES, 2008, p. 4-5).

Ou seja, novos fluxos migratórios com características singulares passam a emergir. Em um primeiro momento, quando observamos nosso campo de pesquisa, esses fluxos se caracterizam pela nova dependência econômica que passa a surgir do envolvimento dos migrantes e suas famílias com o dinamismo do agronegócio. Outro fator são os casos de permanência dessas famílias que migram mediante os projetos de aquisição de moradias proposta pelo governo na última década. Vinculados a esse setor produtivo, migrantes e a população da região onde as usinas se instalam, e as possibilidades econômicas e materiais geradas pelo setor sucroalcooleiro brasileiro mobilizaram um conjunto de recursos, atores e ideias sobre o desenvolvimento (desenvolvimento num sentido bastante amplo) do país.

Por um lado, todas essas mudanças na vida local geram certa noção de “progresso” produzida no contexto de Borá (cf. Dupas, 2007), como no discurso do prefeito. De outro lado, a positividade empregada por uma fase de progresso contrasta com as diferentes opiniões sobre as mudanças ocorridas após a reativação da usina. Os discursos da população local configuram apreensões paradoxais sobre os acontecimentos dos últimos anos. É, portanto, o significado desses discursos que buscaremos tratar na próxima sessão.

4. Identidade e lugar

Em algumas entrevistas, os boraenses se referiram à usina como “a salvação da cidade” ou como “a desgraça da cidade”. Em geral, a população também narrava casos envolvendo os migrantes direta ou indiretamente. Uma de nossas interlocutoras, Márcia⁶ (33 anos), comentou certa vez que embora a usina seja boa pra região, “contrata muito mais o pessoal *de fora* e dá poucas oportunidades para *os daqui*”⁷. Um pastor evangélico mencionou que desde que a reativação da usina muitos problemas passaram a surgir na cidade, segundo ele, “até mesmo casos de prostituição e pedofilia” haviam surgido⁸. Dona Ana (89 anos), uma das moradoras mais antigas, disse que:

... antes a gente conhecia todo mundo, agora, não se sabe mais quem é quem que passa na rua (Ana, 89 anos).

Se, por um lado, como apontamos, os boraenses entendem a reativação da usina como algo positivo, por outro lado associam as mudanças da cidade, num sentido mais ou menos negativo, à reativação da usina. Em diversas ocasiões mencionaram que “agora os jovens não precisam mais ir embora da cidade em busca de emprego”. Outros disseram que “muita coisa mudou depois da reativação”. De forma paradoxal, os dois discursos coexistem nem sempre na mesma tonalidade e nem sempre com a mesma precisão. Mas, de modo geral, tendem a significar a reativação da usina de alguma forma.

Alguns boraenses se referiam aos migrantes como os *arrastados*. Esta expressão, como me explicaram, é por causa do sotaque das regiões de origem destes trabalhadores e de suas famílias (Norte e Nordeste do Brasil). Como noutros contextos (como a figura do “baiano”, por exemplo, cf. Teixeira, 2007), esta expressão busca caracterizar, independentemente da região de origem, aqueles indivíduos que migraram para a cidade.

6 Todos os nomes de interlocutores mencionados no texto são fictícios. Optamos por manter apenas suas idades e seus relatos, conforme foram registrados no caderno de campo ou em entrevistas gravadas. Utilizamos apenas os nomes próprios das famílias pioneiras por serem também utilizadas em outras fontes (cf. Marconato, 1997).

7 Thais Lombardi (2009), em sua pesquisa nas cidades de Altamira e Brasil Novo (PA), evidenciou que os habitantes locais utilizavam a categoria *os daqui* em contraposição à categoria *colonos*. Os *colonos* eram aqueles que possuíam alguma relação com a participação em um projeto estatal de ocupação e colonização e haviam migrado para trabalharem no desenvolvimento da rodovia Transamazônica. A categoria *os daqui* qualificava a relação afetiva que as pessoas possuíam com o lugar, eram nascidas ou haviam casado e constituído família na localidade, diferente dos *colonos*, que estavam ali por outras motivações.

8 Entre os meses de março e abril de 2011, durante a realização do trabalho de campo, ao chegar a Borá fui surpreendido por um banner colocado pela prefeitura na entrada da cidade. O comunicado dizia: “Dia municipal contra a pedofilia e o abuso sexual de menores”. Na época, não procurei informações precisas sobre o assunto, no entanto, o comentário do pastor não estava isolado. Havia um conjunto de situações e posições, desconhecidas para mim até então, que envolviam no imaginário o fluxo migratório que acabava conformando em ações de políticas públicas.

Suas imagens são comumente carregadas de sentidos negativos e pejorativos, ainda que implícitos, e incluem cargas valorativas sobre o deslocamento de população e sobre como ele ocupa um lugar de destaque na construção da categoria nordeste. É possível concordar, nesse sentido, com Lúcia Morales (2002, p. 11), quando afirma que os termos “migrante” e “migração” estão intensamente ligados à categoria nordeste no imaginário social brasileiro.

Todavia, a expressão *arrastados* também demarca o estrangeiro (cf. Simmel, 1983), ou seja, aquele que não pertence ao lugar. Em estudos recentes tais como a etnografia de Thais Lombardi (2009) nas cidades de Altamira e Brasil Novo (PA), evidenciou-se que os habitantes locais utilizavam a categoria *os daqui* em contraposição a categoria *colonos*. Os colonos eram aqueles que possuíam alguma relação com a participação em um projeto estatal de ocupação e colonização e haviam migrado para trabalharem no desenvolvimento da rodovia Transamazônica. A categoria *os daqui* qualificava a relação afetiva que as pessoas possuíam com o lugar, eram nascidas ou haviam casado e constituído família na localidade, diferente dos *colonos*, que estavam ali por outras motivações.

Diferentes campos de tensões e de negociações identitárias, similares as que estamos apontando em Borá, também são registradas em outros estudos. Rafael Teixeira (2007, p. 12), em sua pesquisa na cidade de Santo Antonio da Posse (SP), demonstrou que a imagem do recém-chegado era carregada de toda uma responsabilidade pelas mudanças ocorridas. Em Esmeralda no Alto Paranaíba (MG), Roberta Novaes (2009, p. 51) relatou que o bairro considerado mais violento e perigoso pela população era o bairro onde se concentravam famílias que migraram de outros municípios do estado ou de outros estados para trabalharem na safra do café.

No entanto, o que parece estar em jogo em Borá são formas de apropriação de uma identidade coletiva resgatada pela memória e por um discurso de legitimidade sobre o lugar. Ao mesmo tempo em que classificam os novos moradores e que comunicam suas percepções sobre as mudanças na cidade, os boraenses estão acionando mecanismos sociais que demarcam e estabelecem sua própria identidade.

5. Considerações finais

Ao examinarmos as identidades coletivas e sua referência ao lugar, tomando o cotidiano dos boraenses e os demais acontecimentos na vida da população local, verificamos que essas formas de apropriações do lugar em composição a um sentido identitário também emergem como formas de *reações* frente à expansão do agronegócio na região.

Ademais, suas falas constituem uma linguagem política, e quando pensam a unidade e a diversidade (Augé, 2010: 61), estão posicionando simbolicamente suas preocupações mais íntimas. Na medida em que apreendem o presente e reelaboram o passado – por meio das narrativas sobre um tempo anterior e sobre um tempo posterior à usina –, estão produzindo novos sentidos e afirmações sobre seu pertencimento local. Essas afirmações e sentidos evocam um conhecimento sobre a história local e uma participação direta na vida pública e política da cidade.

Como coloca Augé (2010: 53), “o habitante do lugar antropológico não faz história; vive na história”. Nesse sentido, o “lugar antropológico” de que fala Augé (2010) também se caracteriza pelas afirmações e interesses dos atores sociais no momento presente em que vivem. Como coloca o autor, os lugares são “investidos de sentido”, assim, “cada novo percurso, cada reiteração trivial” (Augé, 2010: 45) conforta e confirma a necessidade daqueles que ocupam um determinado espaço e nele experimentam suas vivências.

Em suma, consideramos que a identidade local dos boraenses movimenta-se ao passo que as inseguranças e as ameaças externas tocam o cotidiano das relações sociais na cidade. Os processos de mudanças sociais incidem sobre essa dinamização das identidades coletivas fazendo emergir, de diferentes formas, discursos que simbolizam uma identidade e um lugar, necessariamente não dicotômicos, mas intrinsecamente determinados.

MACHADO, Carlos Eduardo. Identity and place: identity reactions to the expansion of agribusiness in Western São Paulo. *Percursos*, Marília, v. 1, n. 1, 2015, p. 92-105.

ABSTRACT: With the expansion of agribusiness in recent decades in Western São Paulo, several cities have undergone significant changes due to the momentum generated by the installation of plants for the processing of sugar cane. Not only the economic and the material universe has changed in these places, but a whole experienced and shared collective life, especially in small towns, is transformed. In this article, the goal is to understand how these changes are perceived by social actors who are involved directly or indirectly with the advance of agribusiness, understood here as a comprehensive social phenomenon (Heredia et. Al., 2010). We start from a specific empirical field, the city of Borá, located in Western São Paulo, where due to the reactivation of a processing plant of sugar and alcohol, had several changes, among them, the emergence of a migration group to work at the plant and the local economic revival, which as a result gave rise to symbolic disputes and power relations from the identity claimed by locals.

KEYWORDS: Identity. Place. Families.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. Processo de trabalho e Danos à Saúde dos Cortadores de Cana. *Interfac EHS* (Ed. português), v. 3, p. 21-27, 2008.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2012.
- BAENINGER, R. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do polo industrial paulista*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, Campinas, 1992.
- BIZELLI, E. A. Considerações sobre a urbanização interiorana. *São Paulo em Perspectiva*, v. 09, n. 3, p. 38-45, jul./set, 1995.
- BOURDIEU, P. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.
- CANO, W. *A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920-1980)*. São Paulo: Fundação Seade (Coleção Economia Paulista), 1988.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COMEFORD, J. C. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: NUAP/UFRJ (Coleção Antropologia da Política), 2003.
- DUPAS, G. O mito do progresso. *Novos Estudos - CEBRAP*, 77, pp. 73-89, março, 2007.
- DURHAN, E. R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S. P. Sociedade e economia do “agronegócio no Brasil”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 25, n. 74, p. 159-176 out, 2010.
- LOMBARDI, T. T. N. *Trajetórias na Transamazônica: estratégias de vida e trabalho em uma área rural amazônica*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Unicamp, Campinas, 2009.
- MACIEL, L. M. *Migração e identidade entre trabalhadores “rurais-urbanos” no interior de São Paulo*. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB), Salvador, agosto, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Campus de Ondina, 2011.
- MARCONATO, V. *Borá: fragmentos do recanto*. Projeto Experimental apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação e Arquitetura da Universidade de Marília, São Paulo, 1997.
- MARQUES, A. C. Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco: novos e velhos capítulos da colonização do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 28, núm. 83, outubro, pp. 85-103, 2013.
- MORALES, L. A. *Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.
- NEGRI, B.; PACHECO, C. A. *Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: da interiorização do desenvolvimento à nova dimensão espacial da indústria paulista*. Campinas: SCTDE/FECAMP/IE-Unicamp, 1993.
- NOVAES, J. R. P.; ALVES, F. J. C. (Org.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

- NOVAES, R. B. *Forasteiros: trajetórias, experiências de trabalho e práticas de deslocamento dos trabalhadores do café no Alto Paranaíba (MG)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/UFRRJ, 2009.
- PALMEIRA, M. Modernização, Estado e questão agrária. *Estudos Avançados*. v.3, n.7, pp. 87-108, 1989. PERILLO, S. R. Novos caminhos da migração no Estado de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 10 (2), p. 73- 82, 1996.
- QUEIROZ, M. I. P. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1973.
- SINGER, P. *Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo*. In: Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- SILVA, M. A. M. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses do nordeste do Brasil nos canaviais paulistas. *Cadernos CERU (USP)*, v. 19, p. 165-180, 2008.
- SILVA, M. A. M.; MELO, B. M. História de uma pequena cidade no interior paulista. Para compreender a territorialidade local. *Geografia em Atos*, n. 7, v. 2, Presidente Prudente, 2007.
- SIMMEL, G. O estrangeiro. In. MORAES FILHO, E. (org.). *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, 1983.
- TEIXEIRA, R. H. *A perda e o medo: história e imaginário em um universo social em transformação*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, 2007.

Recebido em: 16.03.2015

Aceito em: 19.03.2015